

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

DIRECTOR

P.^o Antonio Hermano

PROFESSOR DO COLLEGIO DE S. DÁMASO



SUMMARIO

O pulpito francez.....	<i>P.^o F. J. Patricio</i>
A Immaculada.....	<i>P.^o Henrique Gomes</i>
O Monge e a Trindade (poesia).....	<i>Rangel de Quadros</i>
O Dr. Pinto Coelho.....	<i>P.^o Henrique Gomes</i>
Anniversario natalicio (poesia).....	<i>Albano Bellino</i>
A Philosophia Catholica.....	<i>J. V. Pinto de Carvalho</i>
Impressões.....	<i>P.^o Antonio Hermano</i>

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até o dia 20 de cada mez.

Assignatura.—Anno 600 reis.—N.^o avulso 100 reis.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
COLLEGIO DE S. DAMASO—GUIMARÃES

PREVENÇÃO

Todas as pessoas que acceitaram o primeiro numero da «Crença & Letras,» ficam sendo consideradas como assignantes.

JORNAL DO COLLEGIO DE S. DAMASO

O Cabula

O cabula é a escoria da academia, é uma pustula que desfeia um organismo.

Aborrece os livros com um tédio já incrustado na alma. Se pudesse, destrua-os todos. Como não tem esse poder, vingá-se em odial-os.

Eu conheci um que chorava de rai-va ao vêr os livros sobre a mesa. Os companheiros não gostavam d'elle. Evitavam-lhe a convivencia, porque lhe receiavam a contaminação. Parecia feito de gelo. Nem as admoestações do professor, nem os rogos do pae, o arrastavam ao campo do dever. A meio do caminho mudou de rumo, e fez-se um inutil e um perigoso.

O cabula é um vampiro. A sociedade, alimentando-o ao seio, cria o dessangrador das suas veias.

E' uma nullidade. Talvez pudesse valer muito e não vale nada. Obras aproveitaveis não produz. E' ócio lá por dentro, e ninguem dá o que não tem. E' mau filho. Enquanto os paes trabalhar de sol a sol, a justa paga do seu muito amor, e elle, descaravel, arremessa-lhes ao peito a farpa da ingratidão, que leva na ponta gottas de veneno.

No fim do anno, na epocha dos exames, vae um grande reboliço e uma grande animação na casa paterna.

O pae lê todos os dias o seu jornal e, ao abril-o, estende logo a vista para a noticia:— Resultado de exames.

A mãe prepara a cama que esteve

devoluta, colloca no quarto os objectos mais queridos do filho. Os irmãos, muito contentes, perguntam ao papi quando chega o mano que está no collegio.

O creado, um velhote muito antigo na casa e muito fiel, ninguem o atura. Parece nos *seus rinte*.

Chegou o dia. Vae-se proceder ao julgamento e dar a sentença. O pae recorreu aos amigos e mandou *cartas*. De nada valem. Os juizes são inflexiveis — subjeitam-se aos dictames da justiça, e esta ordena-lhes que castiguem com um *R* a cabula d'aquelle estudante.

E lá se vão as alegrias d'aquella casa.

O filho não realisou as esperanças dos paes.

O seu visinho, um rival, sorri-se de satisfeito sempre que o vê.

Eu confesso que só por isso já não queria ser cabula. Vêr o meu visinho a rir-se de mim com um riso motejador, que coisa tão dura! Para quem tem vergonha aquelle rir é ferro em braza. Mas ao cabula não o incomoda. Faz gala do seu procedimento. Salienta-se assim. E' um modo de adquirir fama como qualquer outro. Triste fama! Os bandidos tambem se celebrisam com as suas crueis façanhas.

Eu já ouvi a alguém que o cabula é um bandido. Já não me lembra tudo o que lhe respondi. Só me recorde de lhe ter dito:— E' muito feio ser-se cabula.

Não queiraes a nodoa de cabulas.

Doe tanto vêr rosas manchadas pelo verme logo ao seu desabotoar!

Sede estudiosos para bem da sociedade, da familia e de vós mesmos.

H. Gomes.

O PULPITO FRANCEZ

Quem medita nas glorias da tribuna sagrada alcançadas pelos notaveis oradores francezes desde os aureos tempos de Luiz XIV, em que Boudaloue abriu amplo e luzente caminho á exposiçãõ da doutrina catholica feita no ministerio da préguaçãõ, até aos nossos dias em que assistimos aos triumphos do Padre Felix e tantos outros oradores de primeira ordem, não deixará por certo de prestar um tal culto d'admiração pelas conquistas que a dignidade e o talento dos oradores da presente quaresma estão fazendo na capital da republica franceza.

Entre as impressões que tão vivamente me emocionaram pela primeira vez que visitei a França, jámais poderei esquecer o modo como contemplei o glorioso pulpito de Notre Dame e a capella do palacio de Versailles onde se fez ouvir tantas vezes a aguia de Meaux, Bossuet, e o cygne de Cambrai, Fenelon.

O passado heroico dos periodos mais bellos da eloquencia sagrada, agigantava-me os vultos illustres do Padre Rue, de Flechier, de Massillon, de Brydaine, de Lacordaire; e a recordação dos ultimos tempos, avultava-me as bellas e nobres figuras de Monsabré, Didon e Alfonse Perraud.

Tudo quanto pode contribuir para assignalar os mais apreciaveis serviços prestados á causa religiosa e ao desenvolvimentos da crênça catholica, incitava a minha admiração e respeito.

Esse movimento religioso que se nota em França é o continuado combate contra as ideas de immoralidade e dissoluçãõ que se desenvolvem na grande capital do mundo latino. E se não fôra o valor e a energia, alliados á virtude e sciencia do clero francez, teria a sociedade de presenciar as mais desastradas e perniciosas consequencias da corrente de tantos vicios e dissoluções.

A quaresma em Paris dá este anno a attrahente occasião de se fazerem escutar oradores sagrados de incontestavel merito e que conseguem encher os templos com uma assistencia por igual numerosa e qualificada.

Em Notre Dame occupa o pulpito ainda este anno o conhecido orador, que já em outras quaresmas tem despertado attenções e incitado um notavel acolhimento. Alli prégua o Monsenhor Hulst, um ecclesiastico reverenciado pelos seus altos serviços prestados á Egreja. Calcule-se pois a auctoridade com que se apresenta este veneravel orador, que é o reitor da universidade catholica, deputado no congresso e indicado d'ha muito para ser o successor do arcebispo de Paris.

Na Magdalena, onde ainda o anno passado foi enorme a concorrencia dos fieis a escutarem o verbo eloquente do Padre Didon, faz-se ouvir este anno o reputado orador Fremont, um sacerdote notavel pela fórma classica dos seus discursos e pela erudição que revela na exposiçãõ da doutrina catholica.

Na egreja do Loretto é enorme a curiosidade com que uma distincta concorrencia acode a ouvir o illustre dominicano Maumus, cujo espirito conciliador na questãõ das relações entre a Egreja e o Estado, é altamente apreciado tanto na doutrina dos seus discursos, como na exposiçãõ que faz em seus livros, um dos quaes é agora esperado com ansiedade e tem por titulo *A Egreja e a democracia*.

A ordem de S. Domingos ainda apresenta, segundo as suas valiosas tradições de fornecer grandes oradores sagrados, os seguintes:—Gardet, um joven tão sympathico como illustrado, orador scintillante e que tem deante de si uma gloriosa carreira; Etourneau, um vulgarisador apreciavel que desce até ás mais singelas expressões para dominar o espirito da multidãõ; Mompeur, um cathedratico de valôr comprovado em longos serviços universitarios; Sertilanges, um theologo de reconhecido merito; e Ollivier que reune no templo da Trindade uma grande quantidade d'ouvintes.

Junte-se a estes prégadores qualificados a representaçãõ que outras congregações religiosas ostentam nos pulpitos pari-

sienses, taes como os padres Moigne e Blot, jesuitas ; o rev. Doré, dos Eudistas ; o rev. Aigueperse, dos padres da Misericordia; adicionem-se á fileira os seguintes ecclesiasticos— Nordez, Protois, Rogier e Auber, todos considerados e distinctos e ahi temos o quadro d'essa milicia illustre de combatentes que vindicam os principios da fé e expõem as doutrinas da doutrina catholica na capital da França.

Dá verdadeiro jubilo a contemplação da resistencia com que a prégação catholica evidencia os seus altos prestimos á causa da salvação das almas.

A verdade e a justiça continuam confundindo o erro e o vicio e fazendo triumphar os eternos principios da divina doutrina.

Padre F. J. Patricio.

A IMMACULADA

(Continuação)

*Ao meu amigo
P.^e Lemos.*

Feliz Pio IX! Abençoado pontifice! O teu coração amantissimo, o teu coração repleto d' affectos ternissimos pela Virgem, não consentia duvidas sobre a sua Immaculada Conceição, sentia-se esmagado por barra de chumbo ao troarem os estampidos da descrença, e tu, num arrojado d'amor, definiste o dogma.

Retumbaram então os canhões de Santo Angelo, repicaram festivamente os bronzes das cathedraes, e exultou o pobre, regosijou-se o rico, dilatou-se jubiloso o coração do infeliz, e as mães apertaram ao peito os filhinhos, segredando-lhes: « E' pela Virgem, que tambem é vossa mãe ».

Varram-se do espirito as duvidas sobre esse privilegio de Maria.

Haja hymnos e só hymnos.

Vibrem de enthusiasmo todos os corações.

Reboem de pólo a pólo os canticos de festa.

Vão os *salvês*, nas azas do vento, de extremo a extremo, sempre sonorosos, sempre em *crescendo*.

Nós, os portuguezes, não esqueçamos as tradições, tradições gloriosissimas, nobilitadoras.

Fomos dos primeiros que defenderam a Immaculada, estejamos sempre na vanguarda dos que enristam armas por ella, dos que, campeiam destemidos, não receiam o trotear da arcabuzaria inimiga.

Gloria a Portugal!

Pequeno, sim, mas de brios, de sangue generoso.

Eu orgulho-me, envaideço-me por ter nascido n'este eden do occidente, protegido pelas bençãos de Maria, e sinto-me forte, conheço-me animado, entrevejo por entre as brumas de desgraça clarões auroraes de melhores dias.

E' dolorosissimo, acerbissimo, o pungir da patria, mas para longe, bem longe, o desfallecimento.

Não cair nos braços do desespero.

Maria é sentinella avançada que velará por nós, é antimoral de bronze onde se irão embotar as settas do infortunio.

Portugal, o defensor arrojado da Immaculada, tem em Maria a protecção mais valorosa, o auxilio mais potente, porque ella paga sempre generosamente, centuplicadamente.

Votemos-lhe um amor, rebentando do coração em explosões vehementissimas, e ella fará tudo por nós — descerá como anjo do consolo a verter-nos balsamo nas feridas, batalhará com o hercules da desgraça, que nos empolgou, e sahirá victoriosa.

Volte Portugal a ser como nos saudosos tempos, em que a crença era a sua maior gloria, a cruz o seu mais querido pendão, e eu já não recearei pela sua sorte.

O amor a Maria será seiva que o revivificará. Não hyperboliso.

Maria pode muito, pode tudo. Tem sceptro de rainha e do ceu.

E' poderosissima, e não ha procurar amor ultrapassando as balisas do seu.

Irrompe-lhe do coração fervidamente, impetuosamente. Tem erupções vulcanicas, candencias de metal ao rubro. Attendei.

O bronze da matriz soluçou ha pouco as onze horas de uma noite de tempestade, medonha noite, noite de horrores. A natureza parece em delirio de colera.

Como a pobreza soffre, desagasalhada, nessas noites de inclemencia infernal!

A' fome juntam-se os tiritamentos, aos tiritamentos succede a morte, morte lenta, terrivelmente dolorosa.

Não ha presenciar um quadro d'esses sem arrepios no coração!

Entrae.

A habitação é um tugurio e os habitantes una desolada mãe ajoelhada junto ao berço da filhinha que agonisa.

Fazei-vos fortes; não vos leve a desmaio o cheiro a pobreza.

Achegae-vos do catre e ouvi aquella mãe alanceada como poucas.

Desanimada á força de luctar com a desgraça, diz ella, soluçante, remirando a filha:—Tem febre, coitadinha!... Que fazer, Virgem santa? Eu, sua mãe, vel-a morrer! Isso é horrivel!... Que sinto aqui, a escaldar-me já as entranhas? Ah! sim, é a morte que tambem chega para mim. Filha, filha não fujas a tua mãe, não me rasgues as fibras mais intimas do coração. Vive, vive, porque a vida, sem ti é-me deserto sem oasis».

Diz, e a filha é insensivel aos rogos da mãe que chora.

E a chuva fustiga as vidraças que se desconjuntam, e o vento silva uns silvos agudos que semelham rugidos de condemnados.

A morte avoeja funerea por sobre o tecto d'aquelle al-

bergue em que a miséria exaspera a doença e a doença augmenta a miséria.

De repente sôa um clarim de guerra. Trava-se combate. Combatentes, a morte e um anjo. Quem vence? o anjo, embaixador de Maria.

Bate em retirada a morte, e aquelle corpinho, tam debil, enrijece, revigora-se pouco a pouco.

E' que aquella mãe amava Maria.

E' que Maria tem d'estas explosões d'amor.

Quem não ha de amal-a? Quem não ama sua mãe? Quem não dá por ella todo o sangue das suas veias, toda a vida do seu ser? Quem não se expõe aos baldões do soffrimento mais cruel, sabendo-a em perigo?

As almas, feitas de carinho e amor, dão tudo pela mãe
Luctemos, sofframos pela Virgem, que é nossa mãe.

Oh! guerra sem quartel aos impugnadores da Immaculada Conceição.

Não viremos costas, tremendo e temendo, aos que tentam roubar á Virgem essa perola de quilate tão subido.

Ella merece todos os nossos esforços, todas as nossas labutações, todo o nosso crusar espadas pela sua causa.

Ella é anjo tutelar que adeja sobre nós, desdobrando as suas azas com reflexos d'amor e cambiantes de ternura.

Ella é arco-iris que nos surge radiante de luz divina, em meio das tempestades que medonhas nos assaltam.

Ella espanca as neblinas da vida, desfaz os vincos que nos sulcam as faces, compassa-nos as palpitações do coração.

Saudemol-a como a heroína do amor, como a Virgem maior entre todas. *Arê gratia plena!*

O MONGE E A TRINDADE

LENDA

I

Do povoado bem longe,
N'uma gruta á beira mar,
Vivia um austero monge
Quasi sempre a jejuar.
Tinha só por companheiras
Uma cruz, duas caveiras,
E passava horas inteiras
No Senhor a meditar!

De todo o mundo esquecido
Aspirando á salvação,
Junto ao mar embravecido
Do ceu fitava a amplidão!
A's vezes, na pobre gruta
Aberta na rocha bruta,
Das paixões fugindo á lucta
A Deus fazia oração!

II

Uma tarde... eram serenas
As ondas d'aquelle mar
Que a viração vinha apenas
Muito de manso beijar;
Elle, que em Deus se extasia,
Poz na sua phantasia,
Que por força poderia
Um mysterio penetrar!

O mysterio da Trindade
Desejava comprehender,
Sem que n'aquella verdade
Elle deixasse de crêr!

Cuida tê-lo compreendido
 Porém chora commovido
 E sente-se arrependido
 Do que deseja saber!

Esquecer-se procurava
 Do mysterio, mas em vão;
 Porque de novo o assaltava
 Uma estranha tentação!
 Elle, que desde creança,
 Não tivera essa lembrança,
 Agora já não descança
 Na sua tribulação!

III

Pára! e uma creancinha
 Viu sorrindo-se a brincar
 E na areia uma covinha
 Viu que ella estava a formar.
 E o monge, com passo incerto,
 Caminhou, via-a de perto,
 Extranhando em tal deserto
 Um tal vivente encontrar!

E a creança era formosa,
 Qual poetica visão!
 Tinha as faces côr de rosa,
 Nos olhos terna expressão,
 Tinha os membros delicados,
 Tinha os cabellos dourados,
 E nos labios engraçados,
 A celeste animação!

E começa a creancinha
 Algumas gotas do mar
 Em transparente conchinha
 Para a covinha a levar,
 E, agitando a mão de neve
 Dizia: O mar todo em breve
 Com esta conchinha leve
 Heide n'esta covinha encerrar.

E o monge muito sereno
 Lhe diz: «Pretendes em vão
 N'este logar tão pequeno
 Metter do mar a amplidão?...
 Como é que tal concebeste?...
 Pois logo não conhecestes
 Ser loucura o que entendeste?
 Responde a creança: Não!

Não! Seria mais possível
 Aqui metter todo o mar,
 Do que ser-te comprehensivel
 O que pretendes sondar!
 Isso em ti é que é loucura,
 Pois, a humana creatura,
 Só pretende com fé pura
 Esse mysterio adorar!»

IV

E para o monge fagueira
 A creancinha surriu
 E, n'uma nuvem ligeira,
 A' patria eterna subiu!
 =Fica o monge meditando,
 Arrepellido, chorando,
 E humilde ao Senhor orando,
 Somente a morte pediu! =

E logo a eterna morada
 Foi sua alma transpôr,
 Onde por elle adorada
 A Trindade é com fervor!...
 =E quem seria a creança,
 Que ao monge trouxe a bonança?
 E a fallar-lhe se abalança? =
 Era um anjo do Senhor!

O Dr. Pinto Coelho

Morreu o Dr. Pinto Coelho!

Foi mais um dos Indispensaveis que desapareceu da terra. Os Grandes vão rareando. Ha urgencia de successores dignos. Individualidades como a de Pinto Coelho fazem muita falta pelo muito que valem e são precisas.

Para espancar as trevas da noite é necessaria a luz dos pharoes. Do potentissimo cerebro de Pinto Coelho despediram-se vivissimos raios de luz. Foi um trabalhador incançavel e inquebrantavel com o exemplo, com a penna, e com a palavra. Chamado a campo de batalha—e quasi sempre lá estava, não sabia fraquear, embora assoberbado pelas maiores difficuldades, embora batido pelos ventos mais rijos da polemica.

O seu character era d'uma honradez immaculada. Foi um estrenuo defensor de causas santissimas. Por estas dava o ardor da sua palavra, a força da sua penna, e daria o sangue, se tanto fosse preciso. Bateu-se com adversarios valentes e nunca saiu mal-ferido da lucta.

Foi uma honra do nosso parlamento, como foi uma gloria do nosso fôro. Em ambos deixou um rasto de luz inextinguivel.

Quando propugnava pela verdade e pela justiça tinha trovões na voz e relampagos nos olhos.

Ouvi-o uma vez em Braga, no Congresso Catholico. A fama tinha chegado antes d'elle. Esperava-se com anciedade. Tinha-se d'ante-mão a certeza de mais um triumpho que elle alcançaria. A realidade excedeu ainda assim a expectativa. Fallou por longo espaço de tempo e sempre com vehemencia e sempre arrebatadoramente, fluentemente. Disse sem rebugos o que sentia e com razão sentia. A electricidade da sua palavra sacudiu por vezes o auditorio em estremecimentos d'um enthusiasmo frenetico. Eu, como todos, admirei o des

assombro com que apostrophou as auctoridades ecclesiasticas. As câns que lhe prateavam a cabeça, a experiencia d'uma longa e trabalhada vida, a probidade de character, a solidez das crenças, davam-lhe jus ao respeito de todos.

Pinto Coelho foi apostolo denodado de duas causas—a da Religião e a do partido legitimista.

Era catholico de fundas e bem arraigadas crenças.

Era legitimista por tradições de familia e por convicção propria.

A sua vida foi um enristar armas sem treguas, o seu enterro uma apothese humana, a sua morte achegada á glorificação celeste.

A imprensa de todos os matizes não cessa de tecer rasgados e alevantados elogios ao grande vivo e ao morto illustre. São bem-merecidos todos esses elogios. Quantos se lhe fizerem ainda, não são tantos como os que por direito lhe pertencem. Elle tambem fez muitos elogios.

Apostolo da Religião,—a causa tres vezes santa e sempre vencedora, foi sublime de ardor e constancia, inquebrantavel de forças.

Apostolo do Absolutismo,—a causa perdida,—foi sublime de sinceridade e convicção, incançavel na propaganda. Defendeu-o crente na resurreição d'essa forma governativa. Pertencem-lhe por isso o nosso respeito e a nossa admiração.

São sempre veneraveis os grandes luctadores.

Passar a vida em continua labuta por um ideal, consumir as forças, trabalhando pela sua realisação, é muito, é o maximo que o homem pode praticar.

E todos sabem quam laboriosa foi a vida do Dr. Pinto Coelho, todos conhecem quam rija era a tempera da sua envergadura.

Que pena morrerem homens como este!

A morte do Dr. Pinto Coelho abriu um vacuo enorme. Quando se encherá?

ANNIVERSARIO NATALICIO

A minha presadíssima cunhada,
D. Leonor Lucinda d'Oliveira Car-
doso, no dia dos seus annos.

Mãe das flôres que á terra entorpecida
Pelo dominio do aquilão feroz,
Imprimiste de novo alegre vida
Com teu sorrir formoso e meiga voz.

Eu amo com fervor as graças mil
Que em toda a parte distribuiste ovante
E ás quaes, p'ra que não possam ter simil,
Envias lá do azul o sol radiante.

Como as aves trillando se enamoram!
Como os arroios murmurantes vão
Regar jardins e prados que se infloram
Ao benefico sopro da estação!...

Louvemos ao Bom Deus, que a Natureza,
Quando de gala com primôr se enfeita,
Bem alto diz que toda a sua grandeza
Vem d'Aquelle a quem ella está sujeita.

A Elle pois imploro ardentemente,
Que d'esta vida no jardim proteja
Uma flôr que co'as outras juntamente
Veio e hoje o seu natal festeja.

A PHILOSOPHIA CATHOLICA

(Continuação)

Se existe Deus e alma humana, é uma necessidade da sua natureza o culto publico, para dar testemunho de amor e submissão ao Ente Supremo, e ao mesmo tempo desenvolver e conservar os sentimentos religiosos e communical-os aos outros.

O culto publico é o meio mais effcaz de afervorar o culto interno, conservar a unidade e pureza das crenças religiosas, e estreitar os laços de fraternidade e caridade entre os homens.

A philosophia catholica prova que: a razão humana é insufficiente para dar a Deus o culto devido, e estabelecer uma religião pura, sancta, immaeulada, perfeita e digna de Deus; e por consequencia que a religião natural não exclue, antes necessita de ser completada pela religião revelada e sobrenatural.

Esta religião é o Catholicismo. Só elle tem os caracteres da verdadeira religião; só elle nos prescreve o culto digno da magestade divina; só elle nos dá de Deus o verdadeiro conhecimento, ensinando-nos quaes são os seus attributos e perfeições. Só elle nos impõe as regras, preceitos e leis que devemos observar, para render a Deus a adoração devida.

Só elle nos ensina o segredo de sermos felizes nesta e na outra vida. Fazendo-nos conhecer Deus, como Legislador Supremo e conhecedor de todas as nossas acções e até dos pensamentos mais intimos, é preservativo effcaz contra o abuso das nossas faculdades e o excesso das nossas paixões.

Apontando-nos a justiça de Deus, em virtude da qual elle premiará ou castigará os homens, segundo as suas acções forem boas ou más, incute-nos o amor e temor de Deus, leva-nos a praticar a virtude e a fugir do vicio.

Fazendo nos antever uma eternidade de felicidade e ventura, com que Deus premiará nossa obediencia ás suas

leis, da-nos forças para supportar com resignação e coragem, os trabalhos da vida presente.

* * *

O catholicismo é o sustentaculo da virtude e da moral. Elle nos ministra os meios efficazes de regular o uso dos sentidos, dominar as paixões e purificar o nosso espirito de modo que possamos elevar-nos ás mais sublimes ideas da metaphysica.

Só o Catholicismo, favorecendo efficazmente o desenvolvimento da razão. oppõe uma barreira a seus desmandos e extravios.

Recommenda ao homem que no meio das suas cogitações, se não deixe levar pelos voos ardentes da sua imaginação exaltada; que desconfie de si e seja humilde, porque Deus resiste aos suberbos e dá graça aos humildes.

Lembra-lhe que não deve a existencia a si proprio, mas a um Ente necessario, unico que tem em si a razão da sua existencia e de todos os seres contingentes.

Define os dogmas, cingindo a razão orgulhosa com um circulo, que ella não póde romper, sem se expôr a uma queda desastrosa.

Tentará a razão revoltar-se alguma vez contra o suave jugo da fé; mas logo, dominada pelas provas evidentes da divindade da religião, abre os olhos á esplendorosa luz da verdade, curva submissa a frente aos ensinoss de Deus e fica assim ao abrigo de qualquer extravio.

E d'este modo é vencida a rebellião, e reprimido o insaciavel desejo de tudo investigar e profundar.

Como se a razão limitada do homem podesse penetrar os designios eternos de Deus!...

* * *

Olvidando as trevas do seu berço e a limitação da sua intelligencia e saber, confia algumas vezes o homem demasiadamente nas proprias luzes, e arrastado pela vaidade, chega a duvidar e a descrer.

Elevando-se de cogitação em cogitação, perder-se-hia no mar immenso da duvida e da incerteza, se a philosophia catholica lhe não apontasse para a Cruz, d'onde irradiam os fulgores da verdadeira philosophia.

Em frente do symbolo augusto da redempção, vencido dos esplendosos ensinamentos, que d'elle dimanam, conhece o homem que só alli reside a verdadeira sciencia, e prostrado em terra, invoca as luzes do céu, repetindo a supplica dos pescadores do mar de Thiberiades: «*Domine, salva nos, perimus!*» E a fé, retomando o dominio em seu espirito, salva-o do pelago, em que estava prestes a naufragar. Eis os beneficos da philosophia Catholica!...

Eis como o philosopho christão se não extravia no meio de suas cogitações!...

(*Continúa.*)

Reitor de Mancellos,

José Victorino Pinto de Carvalho.

IMPRESSÕES

O clero continúa a accentuar a sua acção.

Bemvindo seja o seu apostulado de reconstituição social. N'esta hora de crise amarga cumpre-lhe pôr ao peito com firmeza heroica, a cruz escarlata do sacrificio e, obreiro d'uma causa indefectivel, lutar a braços partidos n'essa cruzada espendida. Armas não lhe faltam. Desde a catechese—a melhor escola de sociologia—até o pulpito—a tribuna mais prestigiosa—o seu campo de liça é largo e fecundo.

*

Sirius, não tam scintillante como a bella estrella cujo nome usurpa, escrevia ha dias n'«A Portugueza» um arrasoado longo, onde, a pretexto de zelar a gravidade do culto, semeava a mão-cheias a irreverencia voltereana, deixando ver no rictus alvar de sacasta a ironia e o desdem.

Sinto que *Sirius* arremece as suas luminosas setas contra uma causa que está a exigir o mais circumspecto respeito. Já não estamos no tempo em que era galante *fazer espirito* á custa das crenças religiosas.

*

Na luta de classes que se vae desenhando alem no horisonte e que marcha para nós n'um *crescendo* sinistro de tempestade, ha uma entidade irritante contra que sibilam as maldições de quantos vergam sob a lei dura do trabalho; é o ocioso — o zangão da colmeia social—.

E não será esse grito de—fôra, fôra!—a voz mesma da justiça ?

Creemos que sim. Não admittimos o direito de ser ocioso. Seria o direito de ser bandido e assassino. O ocioso bebe por taças d'ouro o suor do trabalho alheio.

Justa guerra!

*

Jules Ferry, o grande estadista extincto, a quem a imprensa unisonamente tece o elogio a que só os grandes têm jus, o auctor do famoso artigo 7.º que tam largo brado deu em todo o mundo, é uma lição a mais, e eloquente, para quantos se deixam apanhar no fatal endentamento da politica, que em toda a parte e nomeadamente entre nós tem sido um sorvedoiro de talentos. Se Jules Ferry se tivesse consagrado á sciencia, facil lhe teria sido conquistar os foros de sabio e viver largos annos ainda, na fruição jubilosa dos seus triumphos.

*

Dizia ha dias um articulista d'um jornal catholico— «O que eu não posso vêr é que se envergue uma batina para subir ao altar e que em vez do tricornio ecclesiastico se tome um barrete phrygio! Um barrete phrygio n'um padre! Não, não posso resignar-me a encarar essa anomalia sem protesto; sinto uma impressão triste que não posso occultar.»

Tambem eu me não resigno a deixar passar sem contra-protesto a estranha theoria que d'ali resumbra.

Eu não ponho esse phantastico barrete phrygio que tanto pavor causa, mas entendo que um padre o pode usar juntamente com o tricorneo, sem a menor offensa de suas crenças e sem a menor quebra de sua consciencia. Melhor serviço prestaria á causa que defende, o illustre articulista, se pautando a sua critica por um criterio mais generoso e mais christão, demonstrasse que no gremio catholico cabem á vontade quantos se alistam sob os mais divergentes credos politicos.

A hora não vae de molde para intransigencias mesquinhas, e a bandeira que Leão XIII arvora lá do alto do Vaticano é amplissima.

P.º Antonio Hermano.

Boletim da Associação de
S. Luiz

Assembleias geraes. Na reunião ordinaria do mez passado o socio Raul Guimarães leu, na qualidade de relator, o parecer da commissão encarregada da alteração dos estatutos, o qual foi approvedo.

Apresentou uma sympathica e important/e proposta o joven socio Alberto Carneiro.

O sr. presidente encomiou os sentimentos nobres e generosos de que dava provas o socio proponente.

O vice-presidente, sr. Augusto Vasconcellos recitou um pequeno discurso repleto de conhecimentos historicos.

*

No dia 26 realisou-se a assembleia geral do mez de Março.

Ocupava a presidencia o rev. P.º Oliveira, e era secretari do pelos srs. Bazilio Pinto e Joaquim Hermano.

O sr. presidente fez uma allocução agradecendo a dedicação e generosidade de que professores e alumnos mostraram por occasião do bazar realisado no dia 24 de Março, e dando informações acerca do prospero estado da Associação.

Por proposta do presidente foi approvedo um voto de sentimento pela doença dos snrs. presidente e secretarios effectivos.

Ainda se tratou d'outros assumptos menos importantes.

—Realisou-se o bazar das prendas cedidas á Associação. Correu muito animado.

—A Associação tem-se feito representar em todas as solemnidades mais graves, pela meza directora ou pelo seu presidente, o sr. Augusto Vasconcellos.

—A imagem de S. Luiz está quasi concluida. Parece-nos que será mais uma confirmação dos bons credits do escultor.

Um socio.

Na Sociedade Martins
Sarmento

No dia 9 do corrente realisou-se n'esta utilissima e prestante Sociedade, a solemne distribuição de premios aos alumnos d'instrucção primaria.

Foi muito concorrida. Do Collegio de S. Damaso foram duas deputações, uma de professores e outra de alumnos.

Aquella era composta dos rev. Director, Oliveira e Gomes. Eram esperados á entrada da cidade pelos alumnos da Real Collegiada e do curso de musica da Sociedade Martins Sarmento.

Pronunciaram-se substanciosos discursos allusivos ao acto, mere endonos particular attenção o relatorio da Sociedade lido pelo sr. Dr. Avelino Guimarães e a acta de felicitação da Camara, apresentada pelo seu digno presidente o sr. Dr. Motta Prego.

Como representante do Collegio, falou o professor rev. Henrique Gomes, que discursou eloquentemente acerca da instrucção.

Foram bastantes os premiados. D'este Collegio foi premiado o alumno Amílcar Barca, natural de Benguella.

Na volta, as mesmas deputações escolares vieram cumprimentar o sr. Dr. Martins Sarmento, que por incommodo de saude, não pôde assistir áquella sua festa.

Martins Sarmento é, na verdade, um nome que honra a terra que o viu nascer. A obra d'elle ali está para attestar aos novos quanto vale o esforço alliado ao talento.

A Sociedade Martins Sarmento tem prestado e continuará prestando valiosissimos serviços á causa da instrucção; é por isso que todos os vimaranenses a presam como a instituição que mais honra e lustre dá á velha e nobre cidade.

Um collegial.

2.ª Lição de portuguez (1)

E' erro dizer:—*Haja vista aos acontecimentos*, etc. Deve-se dizer:—*Hajam vista os acontecimentos*, etc. O verbo ali significa *tenha* e o sujeito é acontecimentos; por isso não deve ser regido de preposição.

E' erro dizer:—*Houveram exames, houveram approvações*, etc. Deve-se dizer:—*Houve exames*, etc. 'Nestas frases o verbo *haver* significa *ter*, e *exames*, é complemento objectivo. (2)

E' erro dizer:—*Andastes, fizestes*, etc. Deve se dizer:—*Andastes, fizestes*, etc. Os que assim escrevem ou falam erram crassamente a conjugação, confundindo com o preterito perfeito do indicativo, o imperfeito do conjunctivo. Quando a segunda pessoa do singular termina em *e*, a segunda do plural termina em *es* e não em *eis*.

E' erro dizer:—*Fulano foi cumprimentado*. Deveis dizer:—*Fulano foi cumprimentado*.

E' menos correcto dizer:—*Até ao fim do dia, até ao Porto*, etc. Dizei antes:—*Até o fim, até o Porto*. Ha ali, 'naqueila preposição *a*, uma redundancia inutil.

E' menos correcto dizer:—*Deparei com um amigo*. Direis melhor:—*Deparou-se-me um amigo*, a fortuna deparou-me um amigo. Este verbo é pronominal e tambem transitivo.

E' erro dizer:—*O mau estudante carece de castigo*. Dizei:—*O mau estudante precisa de castigo*. Empregae *carecer* quando este verbo se puder substituir por *não ter*, como: o pobre carece de pão.

O. L.

(1) O importante jornal de Vianna «*A União*» pôz alguns embargos á minha primeira lição. Já que d'esta vez me falta espaço, deixo para o proximo numero o mostrar-lhe que são inconsistentes os fundamentos de taes embargos.

(2) Ha outros modos auctorisados de analysar aquella frase, mas parece-me preferivel este.

Boletim do Collegio

'Neste mez de março matricularam-se mais alguns novos alumnos.

*

Os alumnos retiraram-se para ferias no dia 29 de março e devem voltar no dia 10 de abril. A Direcção mais uma vez recommenda punctualidade.

*

Os exames de *admissão* serão feitos em Guimarães. E' uma vantagem para o collegio e para as familias dos examinandos.

*

A Academia litteraria de que falei no ultimo numero da «*Crença*», realisou-se com muito brilhantismo. Abriu-a o distincto professor P.º Henrique Gomes com no discurso bello e eloquente. Tomaram depois a palavra os alumnos—Sumavielle, Borges, Raul, Vasconcellos, e Sotto-Maior, que recitaram poesias e discursos com notavel correcção. Salientou se o alumno Sotto-Maior, não só pela sua apresentação deveras distincta, mas ainda pelo assumpto, que era um erudito trabalho historico-philosophico sobre a origem da linguagem.

Nos entervallos uma orchestra regida pelo sr. Martinó, executou bellos trechos musicaes.

Mais uma vez o nosso parabem cordeal ao iniciador da festa, o Rev. Henrique Gomes.

*

Como no dia 25 de Março fizesse annos o illustrado professor P.º Julio Cesar, os alumnos prepararam-lhe uma manifestação de sympathia, a que elle correspondeu briosamente.

*

O Rev. Antonio Hermano manda imprimir o «*Jornal do Collegio de S. Dámaso*» em separado da «*Crença & Letras*» para o distribuir «*gratis*» aos alumnos e mais pessoas que o requisitarem.

*

Ouvi dizer que alguns alumnos organisariam uma partida de *fool-bali* n'um dos suburbios de Guimarães, em seguida á Paschoa.

O Collegial A. M.